

Memória e representação do passado recente: o patrimônio industrial português reconvertido em Évora e Guimarães ¹

***Memoria y representación del pasado
reciente: patrimonio industrial portugués
reconvertido en Évora y Guimarães***

***Memory and Representation of the recent
past: Portuguese Industrial Heritage
reconverted in Évora and Guimarães***

Evelyn Furquim Werneck Lima

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, FAPERJ, CNPq, Rio de Janeiro, Brasil. evelyn.lima@unirio.br

Isabel Bezelga

Universidade de Évora, CHAIA, Évora, Portugal, imgb@uevora.pt

Carolina Lyra

ESMAE, Politécnico do Porto, Portugal, carolina.lyra@hotmail.com

¹ Este artigo é um dos resultados do Projeto Espaço, Memória e Projeto Urbano (5ª etapa), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e do Acordo de Cooperação Internacional da Unirio com a Universidade de Évora. Contou com auxílio do Centro de História de Arte e Investigação Artística (CHAIA) em território português.

Resumo

O artigo investiga exemplos do patrimônio industrial português que recuperam a memória do lugar e a representação de atividades fabris do passado recente. Analisam-se o Polo dos Leões, antiga fábrica de massas em Évora, readaptada para o ensino das artes e da arquitetura e dois curtumes de Guimarães reconvertidos, um como Instituto de Design da Universidade do Minho e outro, como centro de ciências.

Palavras-Chave: Patrimônio cultural. Reabilitação arquitetônica. Arquitetura industrial. Memória social. Representações sociais.

Resumen

El artículo investiga ejemplos del patrimonio industrial portugués que recuperan la memoria del lugar y la representación de las actividades fabriles del pasado reciente. Se analizan el Polo dos Leões, antigua fábrica de pasta en Évora, readecuada para la enseñanza de las artes y la arquitectura, y dos curtiembres reconvertidas en Guimarães, una como Instituto de Diseño de la Universidad de Minho y la otra como centro de ciencias.

Palabras-Clave: Patrimonio cultural. Rehabilitación arquitectónica. Arquitectura industrial. Memoria social. Representaciones sociales.

Abstract

The article examines examples of Portuguese industrial heritage that recover the memory of the place and the representation of manufacturing activities from the recent past. The Polo dos Leões, a former pasta factory in Évora, readapted for the teaching of arts and architecture, and two reconverted tanneries in Guimarães, one as the Institute of Design of the University of Minho and the other as a science centre are analysed.

Keywords: Cultural Heritage. Architectural Rehabilitation. Industrial Architecture. Social Memory. Social Representations.

INTRODUÇÃO

The worth of many things past is weighed by their durability. Endurance shows that a heritage is no ephemeral fancy but a rooted verity.

LOWENTHAL²

Como defendem Jacques Le Goff e Pierre Nora (1995, p. 130), a história das cidades depende em muito da preservação das estruturas materiais. Segundo Le Goff (1990), tanto os documentos – tão caros à historiografia tradicional – quanto os monumentos podem ser tratados como fontes históricas. O conceito de monumento como fonte de análise deixa de ser apenas uma herança inalterável do passado, pois ao longo dos anos é submetido às intervenções sucessivas, e passa a ter ressignificações para a história social. Visando estimular o debate sobre a ocupação de estruturas industriais desativadas com o uso artístico-científico e cultural, analisam-se neste artigo estruturas do patrimônio industrial português ocupadas atualmente por atividades ligadas ao ensino, às artes e à ciência, sem, contudo, apagar a memória do que foram para as cidades em que se situam.

2 O valor de muitas coisas passadas é medido por sua durabilidade. A permanência demonstra que uma herança não é uma fantasia efêmera, mas uma verdade enraizada. (Trad. Evelyn Lima)

A pesquisa se desenvolveu em duas fases, sendo a primeira referente ao Polo dos Leões da Escola de Artes da Universidade de Évora, antiga fábrica de massas localizada em Évora, no Alentejo, restaurada e reconvertida para o ensino das artes e da arquitetura e a segunda, referente a duas estruturas na cidade de Guimarães, na região norte, anteriormente ocupadas por curtumes e hoje reutilizadas, uma como Instituto de Design da Universidade do Minho e a outra como polo de ciências. Ao longo da pesquisa, observou-se a preocupação das equipes de restauro no sentido de manter inúmeros elementos que ainda representam o passado recente das duas regiões. De acordo com Le Goff e Nora, há que analisar e buscar reconstituir o espaço e seus componentes para entender a organização das sociedades, pois,

A organização dos grupos, das comunidades familiares ou de vizinhança, das associações, dos bandos, das companhias, das seitas, a natureza e o vigor dos laços que os ordenaram, a situação dos indivíduos nesse conjunto de relações, sua posição no seio de uma hierarquia complexa de estratos superpostos, a distribuição entre eles de poderes que não poderiam ser esclarecidos sem que previamente sejam reunidas todas as indicações que permitem reconstituir os componentes do espaço que os homens ocuparam, organizaram e exploraram [...]. (LE GOFF e NORA, 1995, p. 130).

Em entrevista recente, o também historiador José Amado Mendes, estudioso do patrimônio industrial e professor da Universidade de Coimbra e da Universidade Autónoma de Lisboa também considera a relevância das estruturas industriais para deduzir que tipo de fábrica e que número de operários teriam trabalhado em um determinado espaço fabril, que tipo de iluminação existia e quais as condições de trabalho. Ele cita ainda “as máquinas e sua evolução, os fornos, no caso das artes do fogo (vidro, cerâmica, a metalurgia), a evolução da tecnologia desde a lançadeira até ao jato de água, de ar ou vapor (indústria têxtil)”, como testemunhos da história social. (MENDES. In: MATOS; SALES, 2018, p. 36).

Outro professor português que também investiga o patrimônio industrial, Jorge Custódio, da Universidade Nova de Lisboa, defende que a reconversão de estruturas fabris pode se destinar à educação, à cultura e a tudo aquilo que conforma as sociedades. Referindo-se aos trabalhadores das fábricas, afirma que “esses bens culturais de natureza industrial têm particularidades muito próprias, e uma das

particularidades mais interessantes é que se referem a identidades sociais novas”. O autor acrescenta essa identidades foram marcantes na história da construção da Europa e do mundo. (CUSTÓDIO. In: MATOS; SALES, 2018, p. 46-47). Nesse sentido, acreditamos que esse patrimônio herdado da indústria seja material como estrutura, mas seja também intangível, pois remete à memória e à representação da vida cotidiana nas fábricas e manufaturas.

Infelizmente, as questões envolvendo o patrimônio industrial, tanto o material quanto o imaterial, ainda não estão totalmente sacramentadas e grande parte desse patrimônio não está protegido por institutos legais. Reconhecido oficialmente apenas em 1978, com a criação do Comitê Internacional para Conservação do Patrimônio Industrial – TICCIH, somente em 2003, na XII Conferência Internacional em Nizhny Tagil, na Rússia, na qual foi aprovada a Carta para o Patrimônio Industrial. O caráter multidisciplinar da Carta aborda outras áreas de investigação no domínio da história, adotando ideias e métodos de uma arqueologia que compreende diferentes aspectos da sociedade industrial. Segundo o historiógrafo português Souza Viterbo, deveria existir uma arqueologia industrial que documentasse os processos e aparelhos adotados na indústria, enfocando tanto aqueles referentes ao patrimônio material quanto ao imaterial (SOUZA VITERBO, 1896, p. 193). Apesar de designado por alguns de arqueologia industrial³, nesta pesquisa, adota-se a terminologia patrimônio industrial, também aceita por muitos estudiosos, inclusive por Beatriz Kühl (2008, p.45).

Destacam-se entre brasileiros que investigam o patrimônio industrial e a preservação da memória do trabalho, além de Kühl, Cristina Meneguello, Angela Rodrigues e Esterzilda Azevedo. Kühl (2008) pesquisou a preservação do patrimônio da industrialização, enfatizando os conjuntos de interesse arquitetônico, situados no centro da cidade de São Paulo, destacando a dicotomia entre as questões práticas e econômicas que envolvem cada caso. Em “Patrimônio industrial: algumas questões

3 Nos anos 1950, o pesquisador Donald Dudley, da Universidade de Birmingham, utilizou a terminologia arqueologia industrial para investigar os vestígios do patrimônio remanescente da industrialização, trabalho intensificado por historiadores e arquitetos interessados nas práticas de proteção deste patrimônio até a assinatura da Carta de Nizhny Tagil (Cf. MENEGUELLO, 2011, p. 1827).

em aberto” (2010) aborda as definições relativas à arqueologia industrial e suas implicações do ponto de vista teórico-metodológico na conformação de um campo temático, que é necessariamente interdisciplinar.

Atuando como vice-presidente do Comitê Brasileiro de Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH Brasil), Meneguello, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), escreveu trabalhos que discutem essa tipologia arquitetural (2011, 2012), defendendo que o tema deve abarcar simultaneamente a memória do trabalho, o estabelecimento e proteção de acervos e a manutenção das edificações industriais na trama urbana. Outra pesquisa consistente sobre o patrimônio industrial é a dissertação de Angela Rodrigues (2011), com foco em três estudos de caso em São Paulo e nas diferenças de juízo de valor entre proprietários e órgãos do patrimônio. Por outro lado, em sua análise da industrialização no Brasil, Azevedo ratifica que as pesquisas e a preservação do patrimônio industrial no Brasil são ainda incipientes, e seu campo teórico, metodológico e prático está ainda disperso em esforços isolados e pouco difundidos (AZEVEDO, 2010, p. 18), fato que confirma a necessidade de aprofundar os estudos sobre o patrimônio industrial e a memória coletiva.

Após investigar ocupações de estruturas industriais no Brasil com base nos estudos das teóricas citadas, como o Armazém da Utopia (galpão portuário) e a Fábrica Bhering (antiga fábrica de chocolates), ambas no Rio de Janeiro, além da Estação Ponto de Partida (antiga Fábrica de Sedas em Barbacena), dedicamo-nos a analisar exemplos exitosos de reconversão de patrimônios industriais em Portugal (LIMA, 2022).

O estudo de caso do Polo dos Leões em Évora, hoje Escola de Artes

Uma das experiências bem-sucedidas que investigamos em Portugal é a reconversão da antiga Fábrica de Massas Leões em Évora, atualmente ocupada pela Escola de Artes da Universidade de Évora⁴. Inaugurada em 1916, a antiga Sociedade Alentejana de Moagem tornou-se, nos anos 1970, a Fábrica de Massas Leões, que passou a produzir massas alimentícias referendadas em todo Portugal na indústria

4 A denominação é Escola de Artes, constituída pelos cursos de Arquitetura, Artes Visuais, Design, Música e Teatro. Apenas os cursos do Departamento de Música funcionam em outro edifício no centro histórico da cidade.

moageira. (figura 1). Funcionando praticamente durante todo o século XX, a fábrica foi uma referência da industrialização tardia do Alentejo, região na qual sazonalmente faltava oferta de trabalho nos afazeres agrícolas do imenso latifúndio cerealífero (figura 2).



Figura 1. Linha de montagem: fabrico de massa alimentícia, empacotamento; embalagem. Fonte: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/12/fabrica-de-massas-leoes.html>, s/a e s/d.



Figura 2. Proprietários e trabalhadores da Moagem Eborense Lda. Fonte: Acervo Coleção Eduardo Nogueira. 1929. PT/AFCME/AF/EDN/3275

Constituiu um importante polo de atração para os que rumavam dos campos para a cidade, num intenso movimento migratório interno, e que mudou radicalmente a paisagem alentejana. Montes abandonados, aldeias apenas com meia dúzia de idosos e a solidão dos campos ilustram bem a transformação operada. A Fábrica de Massas Leões encerrou suas atividades em 1993 (LOBO, 2008) e, após ficar desativada por cinco anos, foi adquirida pela Universidade de Évora que ali instalou um polo destinado aos ensinos artísticos.

Maior unidade fabril da área, quando começou a funcionar, já contava com 137 operários e veio a representar durante várias décadas o maior empregador da região. Ainda hoje, antigos trabalhadores e suas famílias, residentes nos bairros circundantes

de Évora guardam na memória a intensa labuta que aí ocorria, saudosos do burburinho das chegadas e do descarregar do trigo e da passagem dos vagões na antiga estrada de ferro desaparecida.

Reconhecido como *Edifício de Interesse Patrimonial* desde 2007, o complexo é um dos maiores volumes que integram a silhueta hierática de Évora, cidade turística e referência cultural pelos valiosos exemplares do património histórico que lhe consignaram o título de cidade património mundial da UNESCO, em 1986⁵. No caso da Fábrica dos Leões, como afirma a pesquisadora Ana Serrano, “o seu valor patrimonial não decorre da excepcionalidade dos seus edifícios ou das suas características particulares, mas da singularidade e raridade do conjunto, e do que representa no meio social onde se insere”. (SERRANO, 2010, p. 141). Após muito tempo desativada, a fábrica foi fotografada por Pedro Portugal, Sebastião Resende e Manuela Cristóvão, que capturaram imagens do passado permitindo avaliar o estado de caracterização, os danos e patologias daquela construção industrial, contribuindo, sobretudo, para identificar o sentido de memória deste parque fabril e as ambiências anteriormente ocupadas pelos empregados da indústria moageira. As fotografias anteriores à reconversão da fábrica mostram o interior e o exterior do conjunto fabril permitindo verificar os elementos que foram mantidos após as obras (figuras 3 e 4).



Figura 3. Estado de conservação dos silos. Fonte: Foto de Pedro Portugal, 2007.

5 Em 2027, Évora representará Portugal como Capital Europeia da Cultura. É a quarta vez que uma cidade portuguesa recebe o título, depois de Lisboa, Porto e Guimarães.



Figura 4. Situação do complexo fabril antes das obras: fachada, madeiramento do telhado e sala de fabricação com tanques. Fonte: fotos de Sebastião Resende, s/d.

Ressaltamos o olhar perspicaz sobre o passado, em especial as imagens capturadas pela fotógrafa Manuela Cristóvão que reconstitui o estado de abandono daquele patrimônio industrial, permitindo perceber como estavam os edifícios da fábrica antes da reconversão. Como descreve Rocha de Souza em sua apreciação fenomenológica dos espaços,

Os pisos onde se desenham esses lugares, subitamente algumas memórias conventuais, podem espreitar-se entre passadiços e do alto das escadas com corrimãos de metal. Escadas de dois sentidos. Lembrança não assinalada das gentes subindo e descendo por cada fase operativa da moagem. [...]. A grande fábrica está ali, feita para durar, inventada para funcionar, torno da qual muitas e muitas famílias geraram suas escolhas, a sua vida, a sua permanência. Marca “Leões”, memória intransponível das massas e farinhas ali produzidas. Isso não se apaga da história [...]. (ROCHA DE SOUZA, in: CRISTÓVÃO, 2007, p. 2).

As fotografias utilizadas como documentos permitem observar os vidros quebrados, as alvenarias descascadas e com infiltrações e os telhados com madeiramentos atingidos por xilófagos que foram, mais tarde, recuperados para dar lugar ao polo de ensino que hoje ali existe. Ainda conforme texto de Rocha de Souza lembrando daqueles que se dedicaram à produção de farinhas e massas ao longo de uma vida na Fábrica dos Leões.

[...] o que vemos nessas imagens são espaços desativados, despojados das máquinas, dos cabos, das correias, dos circuitos eléctricos cujo redirecionamento na central, entretanto

relembrado, apenas nos fornece indícios, hipóteses de tratamento de dezenas e dezenas de tarefas, as automatizadas e as que dependiam do trabalho acariciante das mãos rugosas esbranquiçadas, em certas fases e lavadas e rasuradas noutras” (ROCHA DE SOUZA, in: CRISTÓVÃO, 2007, p. 3-4),

Recorremos, portanto, à análise dos elementos que relembram a memória do trabalho e do cotidiano dos trabalhadores que estão presentes nas fotografias (figura 5).



Figura 5. Funil e duto de diferentes materiais; maquinário para tratamento do trigo e escorregadora de sacas, que demonstram o processo de trabalho. Fonte: fotos de Manuela Cristóvão, 2007.

Para recuperar esse patrimônio industrial desativado resgatando espaços simbólicos como memória que reafirma não só a cultura da região alentejana, como também a cidadania da população, foram contratadas duas firmas de arquitetura, que desenvolveram o projeto de reconversão transformando os espaços fabris em espaços para as artes. A proposta dos escritórios Inês Lobo Arquitectos Lda & Ventura Trindade Arquitectos Lda teve a preocupação em manter a coerência com a arquitetura do entorno, não descaracterizando a arquitetura original, optando por soluções mistas de emprego de aço e concreto armado, aço e madeira, e madeira e concreto. Como forma de harmonizar o conjunto de prédios com as tradições da arquitetura alentejana, os arquitetos utilizaram a cal branca no acabamento das alvenarias (figura 6).

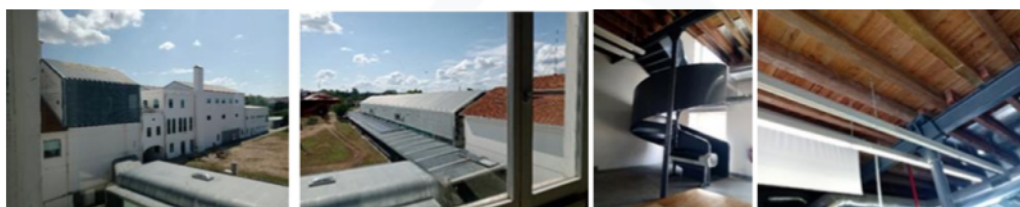


Figura 6. O complexo após as obras. Fachadas em alvenaria caiada, a cobertura metálica sobre os trilhos da estrada de ferro, a escada metálica em caracol, lembrando as escorregadoras de sacas e os madeiramentos e suportes metálicos aparentes nos telhados. Fonte: fotos de Evelyn Lima, 2022.

Após retiradas as máquinas, os espaços fabris, pelas suas amplas dimensões e sua estreita relação com o território e com a estrada de ferro puderam ser transformados em espaços do ensino das Artes. Para tal, foram demolidas construções anexas que não integravam a estrutura original da fábrica, ampliando a claridade no interior dos espaços extensos. Em substituição aos anexos, os arquitetos acrescentaram um edifício, configurando assim um pátio, com oficinas associadas, cafeteria e alpendre (figura 7).

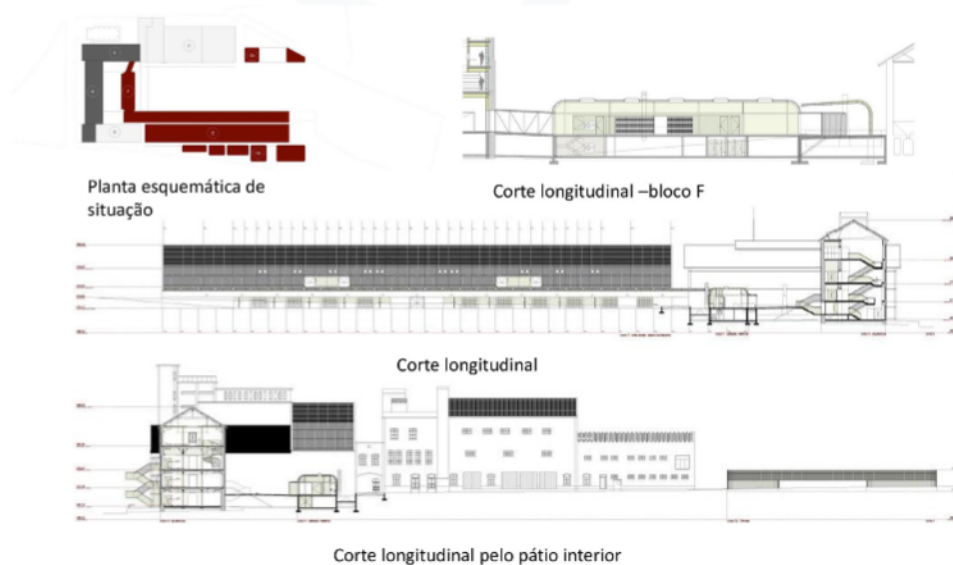


Figura 7 – Conjunto de plantas e seções dos pavilhões. Fonte: cortesia do escritório Inês Lobo e Arquitectos Lda, 2013.

Em entrevista publicada na *Memória descritiva do plano de reconversão da fábrica dos Leões* (2008), o arquiteto Ventura Trindade esclarece sobre o processo no decurso da obra de reabilitação e reconversão, afirmando que a principal estratégia adotada foi buscar compreender a história da fábrica e seu processo de funcionamento,

A própria organização vertical do edifício central, onde se organiza agora o Departamento de Arquitectura é o resultado de um modelo de funcionamento otimizado, baseado num processo gravitativo. Os cereais eram impulsionados até o topo movidos por um engenho a vapor (daí a existência do tanque no pátio da cafeteria) e o processo de transformação era feito gradualmente ao longo dos vários pisos, saindo os produtos finais para o cais da linha férrea, no piso inferior. (VENTURA TRINDADE, 2008, p. 48).

As grandes coberturas que protegiam o cais desta linha férrea e outras áreas de carga ou descarga, foram substituídas por uma cobertura metálica de grande leveza que contrasta com a volumetria das construções. A seção vertical abaixo explicita o argumento do arquiteto quanto ao processo de funcionamento da moagem por gravidade e o contraste da leveza da cobertura com as fachadas caiadas (figuras 8 e 9).

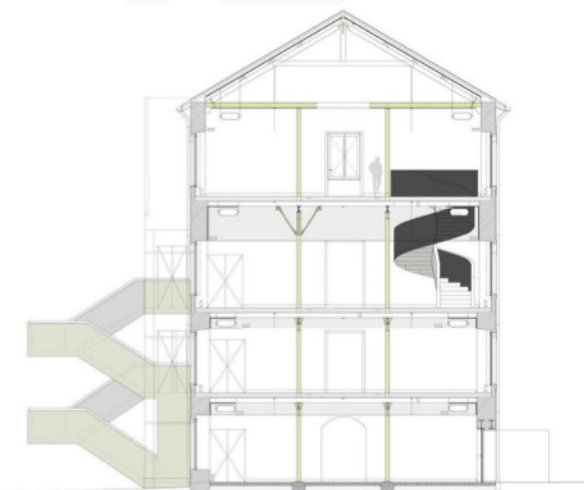


Figura 8. Corte dos 4 pisos do pavilhão ocupados pelas salas de Arquitetura. Fonte: cortesia do escritório Inês Lobo Arquitectos Lda



Figura 9 - Salões recuperados para o ensino de Arquitetura. Fonte: fotos de Evelyn Lima, 2022.

O arquiteto relata que as fotografias de António Cunha localizadas no Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora foram fontes primárias relevantes para a inclusão da pesada infraestrutura técnica de equipamentos fabris que ficaram à vista no projeto de reconversão, como memória dos trabalhadores que ali exerceram suas atividades e cita também a pesquisa dos sistemas construtivos encontrados,

[...] as diferentes construções do conjunto permitem uma cronologia dos processos construtivos ao longo de quase todo o século XX, desde as alvenarias de pedra irregular e argamassa dos primeiros edifícios por volta de 1910, passando pela introdução ainda experimental do betão armado, nas intervenções dos anos 40, ou pelas estruturas metálicas mais recentes. (VENTURA TRINDADE, 2008, p. 48).

Verificamos que a biblioteca se transformou no verdadeiro espaço de encontro do complexo das artes, apresentando uma claraboia, possivelmente o espaço mais significativo de todo o complexo, para o qual convergem estudantes e docentes de todos os cursos de artes (figuras 10 e 11).

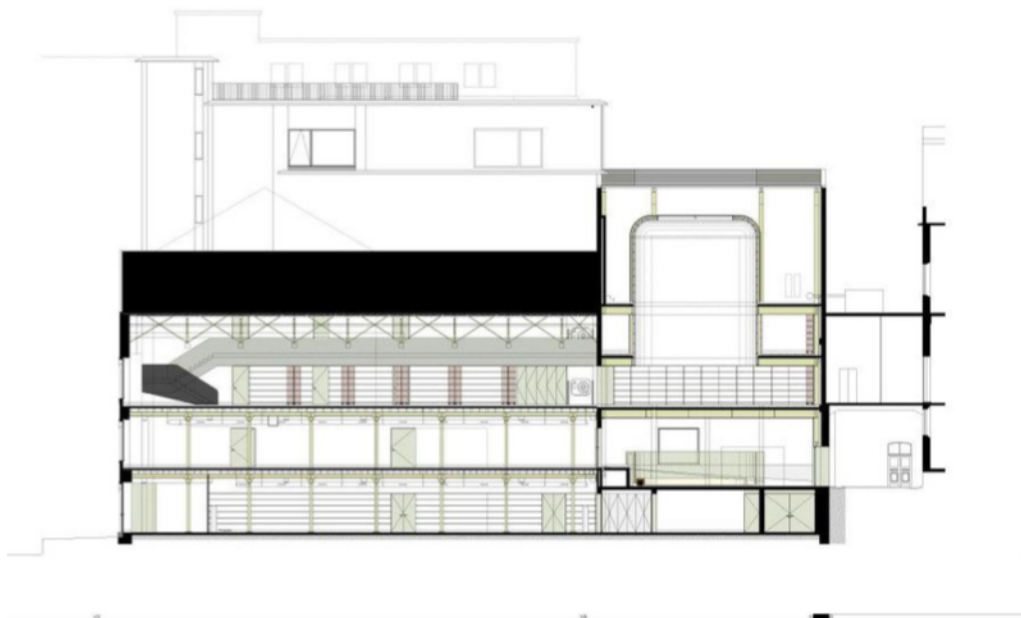


Figura 10. Seção passando pela Biblioteca, mostrando a claraboia. Fonte: Desenho: cortesia do escritório Inês Lobo Architectos Lda.



Figura 11 - A Biblioteca em funcionamento. Fonte: foto de Evelyn Lima, 2022.

Os blocos onde se situam os cursos de Arquitetura, Artes Visuais e Design, apresentam atualmente boas condições. Porém, a recuperação do edifício mais recente da fábrica, fundamental à preservação do legado de patrimônio industrial, e onde desde 2009 têm funcionado os cursos de teatro, só em 2023 estará finalmente concluída, dotando-o de um maior conforto e acessibilidade. A adequação dos ensinamentos de Artes Cênicas às características tipológicas e formais deste tipo de espaço influenciaram positivamente as experiências criativas desenvolvidas pelos estudantes⁶. O hangar no qual ocorria o empacotamento industrial da Fábrica dos Leões, transformado atualmente no *foyer* de acesso aos estúdios de corpo, voz e *black box*, é simultaneamente espaço de convívio e de apresentação pública de performances. Algumas marcas materiais do uso fabril do espaço foram mantidas, em especial o trilho da estrada de ferro que atravessa a nave (*foyer*) do 1º andar do edifício (figura 12).

6 A pesquisadora Isabel Bezelga, da Universidade de Évora, desenvolve uma pesquisa em torno do projecto Performance, Património e Comunidade, embasada nas abordagens do teatro site-specific.



Figura 12. Foyer com o trilho da antiga estrada de ferro e outras salas utilizadas pelas Artes Cênicas. Foto de Isabel Bezelga, 2014.

Entretanto, além da materialidade dos espaços de trabalho e produção, experiências da memória social de características intangíveis puderam ser identificadas no cotidiano do uso do equipamento industrial reconvertido, tal como os relatos de dois taxistas que foram operários da antiga fábrica e que recorrentemente transportam docentes e estudantes da central rodoviária da cidade, lembrando suas vivências enquanto eram jovens operários da Fábrica dos Leões. Memórias afetivas e sensoriais narradas que (re)vivificam os corpos de mulheres e homens que ali passaram a sua juventude e que têm sido muitas vezes rememorados em performances produzidas pelo curso de artes cênicas (figura 13).



Figura 13 - Espaços da antiga Fábrica utilizados com atividades de Artes Cênicas. Fotos de Isabel Bezelga, 2015.

O complexo já reconvertido abriga hoje o ensino e a prática das artes cênicas, das artes visuais e design e da arquitetura e veio a formar um polo de história social, visto que preservou a memória dos trabalhadores da indústria de moagem e

constitui atualmente um espaço de transmissão de cultura, de memória e rememoração do passado recente.

Preservando as preexistências, os arquitetos mantiveram a memória dos trabalhadores e a intervenção recuperou a simplicidade original do conjunto, demolindo apenas algumas construções mais degradadas. Tanto no exterior como no interior dos edifícios, os espaços foram criados tendo em conta a função original do conjunto, o que se reflete nas dimensões, nas texturas, na materialidade, na iluminação e na disposição visível das infraestruturas no interior das salas de ensino. A pesquisadora Ana Serrano, que investigou processos de reconversão de três fábricas portuguesas, ao referir-se à obra do Polo dos Leões, observa que no que tange às configurações interiores dos edifícios recuperados, “as tipologias originais sofreram transformações mínimas e o desenho dos espaços das novas construções vai buscar referências aos espaços originais. (SERRANO, 2010, p. 139).

Preservou-se a essência industrial dos espaços, tanto pelo uso de materiais compatíveis como pela manutenção de elementos originais da fábrica, como os silos, os depósitos de água e os telheiros, entre outros elementos hoje inseridos nos espaços da universidade. O simbolismo da história fabril foi reinterpretado e o próprio nome Polo dos Leões remete sempre à memória e à representação de um espaço de trabalho.

OS ESTUDOS DE CASO DE DOIS CURTUMES DE GUIMARÃES, HOJE OCUPADOS POR ATIVIDADES CRIATIVAS DE ENSINO E CULTURA

Outras experiências também bem-sucedidas que investigamos em Portugal foram as reconversões de manufaturas de curtume adaptadas às atividades criativas de ensino, ciência e cultura. O primeiro caso que abordamos aqui é o do antigo Curtume da rua da Ramada, reconvertido no Instituto de Design da Universidade do Minho. O segundo, situado na mesma região, é a transformação de um vetusto curtume de características bem rurais em Centro de Ciências, intitulado “Ciência Viva”.

Desde a Idade Média, na parte exterior das muralhas da cidade e junto ao Rio de Couros, formou-se uma zona de manufaturas de curtume integrando mais de 15 unidades industriais e uma vasta extensão de tanques de curtimento, o “burgo dos seCouros”, região insalubre devido às características típicas da indústria do curtume que demanda a lavagem e a curtição das peles em curso d’água, ocasionando miasmas e poluição⁷. Tanques de curtimenta em granito, conservados às margens do Rio de Couros, testemunham a forma de trabalho que se inicia na área ainda no século XI e que se manteve até finais do século XX, sendo a Fábrica da Ramada a última a ser desativada, já em 2005 (GESTA; RODRIGUES, 2016).

Classificado como Patrimônio Mundial pela UNESCO em 2001, o Centro Histórico de Guimarães tem mais de mil anos e foi ampliado para incluir também a Zona de Couros. Adjacente ao antigo centro histórico, a área apresenta inúmeros curtumes desativados e transformados em patrimônio da cidade, não só pela arqueologia industrial que representam, mas também porque neles está presente a memória dos curtidores que ali deixaram as marcas de suas vidas e de seu trabalho em um período histórico de longa duração, como comprovam as imagens antigas⁸. Em 19 de setembro de 2023, o Comitê do Patrimônio Mundial reunido em Riade, na Arábia Saudita, aprovou a extensão da área de Guimarães já inscrita, que passou a ser designada de “Centro Histórico de Guimarães e Zona de Couros”.

No peitoril construído ao longo dos tanques preservados é possível ler o poema de Carlos Poças Falcão que descreve e relembra a memória dos trabalhadores que ali labutavam no que hoje constitui um patrimônio cultural e representa o passado ao descrever o processo do tratamento do couro (figura 14).

⁷ A história e o patrimônio cultural de Guimarães motivaram sua candidatura e nomeação como Capital Europeia da Cultura, em 2012.

⁸ O atual Centro Ciência Viva exhibe uma exposição da história dos curtumes e dos trabalhadores do couro.



Figura 14. Área de tanques localizados a aproximadamente 200m da Fábrica Âncora e 300m da Fábrica da Ramada. Fonte: fotos de Carolina Lyra, 2022.

Esses tanques de granito permanecem na paisagem e integram, juntamente com as Fábricas da Ramada e Fábrica Âncora, a delimitada “Zona de Couros”. Entre os critérios apontados para a inclusão, justificou-se o fato de a zona constituir um “testemunho [...] de uma tradição cultural desaparecida”, a presença viva de uma paisagem que ilustra um período histórico e a interação dos trabalhadores com o meio ambiente (GESTA; RODRIGUES, 2016).

Cabe ressaltar que os curtumes só passaram a ser considerados como indústria em Portugal em meados do século XIX, visto que a Revolução Industrial nascida na Inglaterra foi aos poucos se estendendo aos demais países europeus. Em Guimarães, os curtumes conheceram o seu apogeu no século XIX e na primeira metade do século XX, épocas em que a rentabilidade daquela atividade conduziu à projeção econômica da cidade, em especial na indústria de calçados. A partir dos anos 1960, a indústria dos couros entrou em declínio, possivelmente pela priorização dos recursos que foram transferidos para a indústria têxtil, mas também pelas questões da insalubridade que caracteriza o processo produtivo ainda rudimentar do tratamento das peles.

Paulatinamente, a manufatura artesanal foi dando lugar à mecanização, com a utilização de maquinário para ampliar a produtividade, multiplicando o rendimento do trabalho e aumentando a produção global. Percebeu-se que, nos anos 1920, ocorreu uma grande transformação com a implantação de máquinas específicas (figura 15) e, na passagem do século XX para o século XXI, os curtumes desativados passaram a abrigar atividades de pesquisa e ensino e de equipamentos públicos.



Figura 15.- Interior dos curtumes no passado com a maquinaria e equipamentos. Fonte: Painéis da Exposição no Centro “Ciência Viva” de Guimarães, reproduzidos por Evelyn Lima, 2022.

Reativados com novas funcionalidades ligadas ao ensino e à investigação, os edifícios das antigas fábricas de curtumes passaram a abrigar projetos que priorizam o conhecimento científico, a inovação e a tecnologia. Conforme explica a pesquisadora Elizabete Pinto “este novo modelo de desenvolvimento parece fazer jus à intensa memória industrial ligada à transformação das peles” (PINTO, 2012, p. 7).

O ANTIGO CURTUME DA RUA DA RAMADA, RECONVERTIDO NA INSTITUTO DE DESIGN DA UNIVERSIDADE DO MINHO

O livro de Elizabete Pinto, intitulado *Curtidores e surradores de S. Sebastião – Guimarães (1865-1923): a difícil sobrevivência de uma indústria insalubre no meio urbano*, de 2012, revela que a antiga fábrica de Curtume da Ramada – atual Instituto de Design não tinha ainda sido construída dentro do recorte temporal estabelecido por sua pesquisa, mas ela encontrou fontes primárias sobre um outro curtume, também na rua da Ramada, ainda em 1921, relata sobre as dificuldades burocráticas para abrir um estabelecimento de tratamento de couros e descreve detalhadamente como era o processo produtivo (PINTO, 2012, p. 176).

Fundado nos anos 1930, o Curtume da rua Ramada n. 52 foi desativado em 2005, após o encerramento das atividades fabris, procedendo-se então a uma obra de reconversão, mas na qual as formas e cores originais das fachadas e das esquadrias foram mantidas. Paralelamente, a maquinaria no seu interior e todos os traços de

arquitetura industrial foram preservados e recuperados, para a instalação do Instituto de Design da Universidade do Minho⁹.

O projeto para o Instituto de Design inaugurado em 2012, de autoria do arquiteto José Manuel Soares privilegiou a manutenção de uma grande área coberta utilizada como praça semipública. O espaço é aberto ao público na maior parte do dia e encerra à noite, por questões de segurança do Instituto, e promove a reabilitação de uma tradição da Zona de Couros que eram as ruelas de ligação entre as fábricas.

Em 17/11/2010, o *Correio do Minho* noticiava que a empresa DST de Braga estava promovendo a reconversão do antigo Curtume da rua Ramada n. 52 para o Instituto de Design da Universidade do Minho. O projeto propôs a reabilitação de dois edifícios, dos quais faz parte uma praça semipública, e a construção de um outro edifício, com cinco pisos e que serve também de miradouro sobre a Zona de Couros (figura 16).

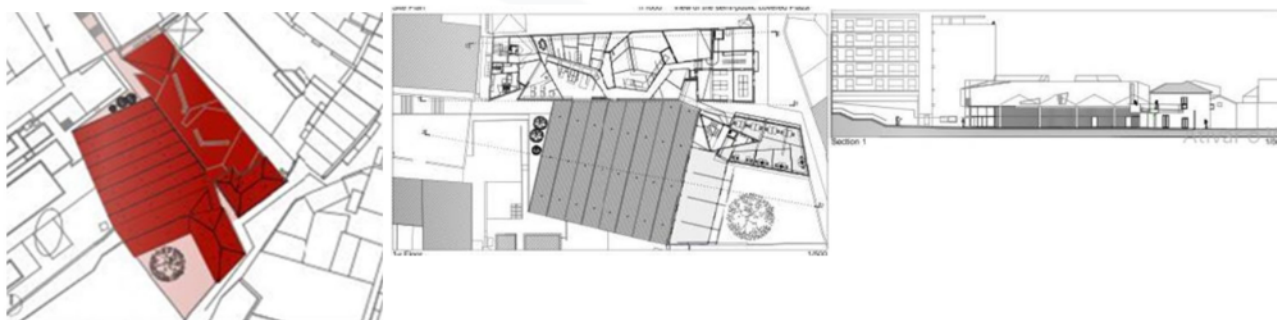


Figura 16 - Situação, planta e seção do projeto de reconversão do Curtume da Ramada em Instituto de Design. Fonte: Cortesia do arquiteto José Manuel Soares, 2011.

Segundo o artigo do jornal *Correio do Minho*,

No rés-do-chão estarão situadas a recepção, uma cafetaria e várias lojas, enquanto o resto do edifício está destinado a ateliês e estúdios onde os artistas poderão desenvolver a sua criatividade. Será também corporizada uma abertura deste Instituto à Rua Gaspar Roriz/Largo de S. Francisco, recuperando para a cidade a antiga Rua de Soalhães e incentivando assim a

⁹ Constituído em 2012 como uma associação sem fins lucrativos e de natureza privada, o Instituto de Design de Guimarães - IDEGUI - Associação para a Regeneração Econômica, teve como promotores o Município de Guimarães e a Universidade do Minho.

passagem pedonal através deste novo espaço, até agora privado. A intervenção, realizada em consórcio com a CARI — também do Grupo DST —, prevê a recuperação integral das naves da antiga fábrica, assim como a manutenção da caixilharia em madeira, das varandas e respectivos ferros forjados e das letras identificadoras da Fábrica da Ramada. (*Correio do Minho*, 2010).

Além das fachadas e dos telhados em treliça, as obras realizadas mantiveram inúmeros elementos que rememoram o cotidiano dos curtumes e de seus operários e, conforme verificado na pesquisa de campo, o interior da antiga fábrica foi recuperado, assim como toda a caixilharia em madeira, os guarda-corpos em ferro forjado e o letreiro da antiga Fábrica da Ramada (figura 17).



Figura 17. Antigo Curtume da Ramada. Fachada recuperada e elementos remanescentes do antigo curtume. Fonte: fotos de Evelyn Lima, 2022.

Atualmente, o amplo armazém com treliças valorizadas na reconversão (figura 18) recebe atividades culturais e exposições, além de já ter sido palco de algumas representações teatrais feitas por estudantes da Licenciatura em Teatro da Universidade do Minho que hoje ocupam o edifício recém requalificado do Teatro Jordão¹⁰.



Figura 18. Treliças do antigo Curtume da Ramada. Fonte: fotos de Evelyn Lima, 2022.

¹⁰ O Teatro Jordão, inaugurado em 1938 e tendo funcionado até os últimos anos do século XX, está localizado há pouco mais de quatrocentos metros do Instituto de Design.

A ANTIGA FÁBRICA DE CURTUMES ÂNCORA RECONVERTIDA EM CENTRO CIÊNCIA VIVA DE GUIMARÃES

A antiga Fábrica de Curtumes Âncora, também situada na rua da Ramada, representa um ícone da tipologia construtiva dos curtumes de inspiração na arquitetura rural tradicional, seja na forma do traçado arquitetônico seja nas técnicas construtivas, adaptando-a a novas funções. No nível térreo, ao redor de um pátio, havia armazéns de matérias-primas para o tratamento dos couros além dos locais onde se realizavam as diversas etapas necessárias para curtir as peles. No piso superior havia espaços cobertos e amplos construídos com ripas de madeiras onde as peles eram estendidas para a secagem. Como se utilizava excremento de pombas como matéria-prima no processamento dos couros, a fábrica dispunha ainda de um pombal. Nos documentos organizados para Classificação da Zona de Couros, é possível encontrar registros fotográficos de 1980 desse edifício sendo utilizado também como habitação, com fotografias que mostram roupas penduradas nas madeiras e animais no pátio.

Em 1978, a antiga Fábrica de Curtumes Âncora foi adquirida pela Câmara Municipal de Guimarães e, anos depois, foi objeto de obras de reabilitação que buscaram preservar a sua identidade arquitetônica singular, deixando intacta a estrutura e os materiais originais que guardam a memória do processo de transformação das peles em couros. Reabilitada pela municipalidade com apoio científico da Universidade do Minho a antiga fábrica permitiu dispor de um espaço interativo de divulgação científica e tecnológica que funciona como plataforma do conhecimento. Integrando o polo da Rede Nacional de Centros de Ciência Viva, o Centro “Ciência Viva” de Guimarães promovendo a cultura científica e tecnológica. Inclui ainda uma área dedicada à Memória do Curtume que demonstra as diferentes etapas do processo do tratamento de peles que se fazia naquele espaço.

O arquiteto Ricardo Rodrigues falou sobre a memória dos trabalhadores e da população de Guimarães que conviveu com estas fábricas em atividade e diz que, a partir desses relatos, alguns equipamentos foram recuperados na sua forma original. A memória desses trabalhadores também desvenda o caráter híbrido dessas edificações que eram ao mesmo tempo espaço de trabalho e habitação. Os

documentos relatam que “muitas das práticas laborais decorriam ao ar livre e a fronteira entre o espaço público e espaço privado era tênue”¹¹. Na maioria dos casos os trabalhadores viviam toda sua vida em habitações que se confundiam com as oficinas de tratamento dos couros, pois era um ofício passado por gerações de trabalhadores que viviam numa zona “confinada” (GESTA;RODRIGUES, 2016). A reconversão permitiu recuperar a memória e as representações desse passado recente, contribuindo para a cultura da população local (figuras 19 e 20).



Figura 19. Fachadas recuperadas e restauradas. Fonte: fotos de Evelyn Lima, 2022.



Figura 20. Tanques e piso de granito, remanescentes do antigo curtume. Fonte: foto de Evelyn Lima, 2022.

Eventualmente, o pátio envolvido pelas construções do antigo curtume, à semelhança dos pátios de comédias e *corrales* espanhóis do século XVII devido às características rústicas e ao uso intenso da madeira, foi local de encenações, desde ainda antes das obras de reconversão. O ator e professor da Licenciatura em Teatro da Universidade do Minho, José Eduardo Silva, participou de uma montagem em

¹¹ Entrevista do coordenador do projeto, arquiteto Ricardo Rodrigues a Carolina Lyra, em janeiro de 2023.

1994¹² e relatou em entrevista a uma das autoras que na época havia ruínas no local¹³ e o público assistia nas “arquibancadas, mas também assistia através das janelas da fábrica”¹⁴, exatamente como ocorria nos *Corrales* (figura 21). Em 2022, foi encenada a mesma peça no pátio do antigo curtume, agora já ocupado pelo Centro de Ciência (figura 22).



Figura 21. Pátio interno com fachadas, esquadrias e guarda corpos de madeira recuperados, apresentando similitudes com a maquete de um Corral de Comédia do século XVII. Fonte: fotos de Evelyn Lima, 2022.



Figura 22. Foto da montagem encenada no pátio. Fonte: Acervo ASMAV, 2022

¹² O diretor Moncho Rodriguez encenou a peça “A grande serpente” do dramaturgo brasileiro Racine Santos em 1994. A peça seria novamente montada e encenada no antigo curtume em 2022 com elenco da Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranesse - ASMAV.

¹³ O arquiteto Ricardo Rodrigues explicou que os madeiramentos do edifício são em sua maioria originais. O madeiramento arruinado foi restaurado, sendo algumas peças substituídas.

¹⁴ Entrevista com o professor José Eduardo Silva a Carolina Lyra em janeiro 2023.

CONCLUSÃO

As análises de três espaços fabris portugueses reconvertidos permitem algumas observações quanto à riqueza da história das respectivas cidades, mas também da memória dos trabalhadores e da significativa contribuição que esses imóveis trouxeram para a cultura de Évora e de Guimarães. Tanto o Polo dos Leões, transformado em espaço do ensino da arquitetura, das artes visuais, do design e das artes cênicas da Universidade de Évora, quanto os antigos curtumes de Guimarães, um reconvertido em Instituto de Design da Universidade do Minho e outro em Centro de Ciência constituem experiências exitosas para a memória e da representação do passado recente. Em todos os estudos de caso verificou-se que as equipes de arquitetos mantiveram no interior dos novos espaços elementos representativos do uso fabril e da memória do trabalho.

Cabe destacar em especial o valor etnográfico das construções industriais, protegidas ou não, pela importância para as comunidades das duas cidades, como símbolo da memória dos trabalhadores tanto da fábrica de moagem quanto dos curtumes. Ao investigar a conservação e a reconversão desses patrimônios seja em Évora ou em Guimarães, buscou-se verificar alguns remanescentes da história e da cultura de cada região, entendendo que a reconversão deve considerar, sempre que possível, a manutenção dos elementos arquitetônicos originais (KÜHL, 2022)¹⁵, evitando a descaracterização do edifício ao colocar em risco a autenticidade e os valores das preexistências. Entretanto, não nos detivemos na análise das metodologias de restauro e nem nos valores e princípios teóricos utilizados nas intervenções, mas defendemos como as representações do passado recente são instrumentos de construção de memória e, por esse motivo, de significação e valorização desse passado no presente

Considerando que em todo o mundo o processo de desindustrialização foi muito intensificado nos anos 1980 e 1990, ocasionando o abandono e até mesmo a demolição de antigas fábricas, templos do trabalho operário e espaços de memória

¹⁵ A entrevista concedida pela pesquisadora Beatriz Kühl a Evelyn Lima ocorreu em abril de 2022.

para um grande contingente de trabalhadores, entendemos que a reconversão de edifícios industriais em equipamentos científicos-culturais destinados prioritariamente às populações locais é uma solução para preservar a memória da cidade, em especial a dos antigos trabalhadores das fábricas e manufaturas. Trata-se de ressignificar o mundo do trabalho face às políticas oficiais ou comunitárias de proteção do patrimônio cultural.

Nos estudos de caso do patrimônio industrial reconvertido em Évora e em Guimarães, verificou-se que as intervenções realizadas permitiram a reintegração dos edifícios industriais à vida contemporânea, mas ainda remetem ao passado fabril, respondendo simultaneamente às necessidades locais, à preservação do patrimônio e à memória e representação de um passado bem recente.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- AZEVEDO, Esterzilda. Patrimônio industrial no Brasil, USJT, *Arq.Urb*, n. 3, jan.-jun. 2010. Disponível em: https://www.usjt.br/arq.urb/numero_03.html. Acesso em: 20 jun. 2019.
- CRISTOVÃO, Manoela. *Memórias - Fábrica dos Leões*. Évora: Universidade de Évora, 2007.
- CUSTÓDIO, Jorge. Entrevista. In: MATOS, Ana Cardoso de; SALES, Telma Bessa (org.). *Conversando sobre Patrimônio Industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens*. Sobral: Edições UVA, 2018, p. 41-69.
- KÜHL, Beatriz. Patrimônio industrial: algumas questões em aberto. In: *Arq.urb: Revista eletrônica de Arquitetura e Urbanismo*, vol. 3, 2010, p. 23-30.
- KÜHL, Beatriz. *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro*. 1 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990 [1988].
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995 [1974].
- LIMA, Evelyn Furquim Werneck (dir.). *Patrimônio industrial e práticas artísticas*. Documentário 1h29min. Rio de Janeiro: Unirio/CAU/RJ, 2022.

- LOBO, Inês. *Memória descritiva: Projecto de Reutilização da Antiga Fábrica dos Leões*. Évora: Universidade de Évora, 2008.
- LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country – Revisited*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- MENDES, José Amado. Entrevista. In: MATOS, Ana Cardoso de; SALES, Telma Bessa (org.). In: *Conversando sobre património industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens*. Sobral: Edições UVA, 2018, p. 22-40.
- MENEGUELLO, Cristina. Patrimônio industrial como tema de pesquisa. I SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE. In: Anais do I Seminário internacional história do tempo presente. Florianópolis: Brasil, nov. 2011, p. 6-9.
- MENEGUELLO, Cristina. Urban Voids and Industrial Heritage in Large Brazilian cities. *Patrimoine de L'Industrie*, v. 28, p. 20, 2012.
- PINTO, Elizabete. *Curtidores e surradores de S. Sebastião – Guimarães (1865-1923): a difícil sobrevivência de uma indústria insalubre no meio urbano*. Braga: Empresa do Diário do Minho, 2012.
- PORTUGAL, Pedro (coord.) *O Livro dos Leões*. Évora: CHAIA: Universidade de Évora: Edições Eu é que sei!, 2008.
- RODRIGUES, Angela Rosch. *Estudo do património industrial com uso fabril da cidade de São Paulo*. 2011. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- SERRANO, Ana. *Reconversão de espaços industriais. Três projectos de intervenção em Portugal*. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2010.
- SOUZA VITERBO, Francisco de. *Archeologia industrial portuguesa: os moinhos*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1896.

Fontes eletrônicas e sites

- GESTA, Alexandra; RODRIGUES, Ricardo. Proposta de inscrição da Zona de Couros na lista indicativa da UNESCO. Município de Guimarães, 2016. Disponível em: https://www.cm-guimaraes.pt/conhecer/patrimonio-mundial/extensao-da-area-patrimonio-mundial-em-curso/zona-de-couros-inscricao-na-lista-indicativa-2016?folders_list_79_folder_id=1703. Acesso em: 23 jan. 2023.
- TICCIH. The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage. Disponível em: <http://www.mnactec.cat/ticcih/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

TICCIH. Carta de Niznhy Tagil, 2003. Disponível em: <http://www.patrimonioidustrial.org>. Acesso em: 30 jan. 2023.

LOBO E VENTURA TRINDADE ARQUITECTOS. Complexo de Artes e Arquitetura da Universidade de Évora. Disponível em: <http://hicarquitectura.com/2013/10/ines-lobo-ventura-trindade-arquitectos-complexo-de-artes-e-arquitetura-da-universidade-de-evora/> Acesso em: 5 jun. 2023.